

Eleonora Frenkel Barretto
Universidade Federal de Santa Catarina
eleonora.frenkel@gmail.com

Walter Carlos Costa
Universidade Federal de Santa Catarina
walter.costa@gmail.com

Roberto Arlt, do *arrabal porteño* à academia brasileira

Abstract: The Argentinian writer Robert Arlt is becoming increasingly known by Brazilian readers. The number of translations of his books has multiplied in recent years and he is frequently mentioned in the press as well as in academic writing. In his own native Argentina he took many years to be acknowledged as a major writer, first among his fellows, then in academic circles. On the international scene he began to become known also first in the universities and then by the general public through translations into Italian, French and English. In Brazil he arrived quite late, but occupies nowadays in the canon of translated Argentinian Literature a position superior to authors such as Cortázar and Sábato who were much more valued before.

Keywords: foreign literature, Argentinean literature, translation, reception.

Resumo: O escritor argentino Roberto Arlt é cada vez mais conhecido do público leitor brasileiro. Tem aumentado o número de traduções de sua obra e sua presença é cada vez mais constante na imprensa e nos estudos acadêmicos. Seu reconhecimento na Argentina, embora lento, ocorreu inicialmente entre os escritores e em seguida no mundo universitário, ampliando-se posteriormente ao circuito internacional através das traduções ao italiano, francês e inglês. Sua chegada ao Brasil foi um pouco tardia, mas atualmente ocupa, no cânone da literatura argentina traduzida, uma posição superior à de outros autores mais lidos e mais considerados anteriormente, como Cortázar e Sábato.

Palavras-chave: literatura estrangeira, literatura argentina, tradução, recepção.

Roberto Arlt consagrou-se em vida como o escritor das chamadas *Aguafuertes porteñas*, crônicas publicadas entre maio de 1928 e julho de 1942 no jornal *El Mundo*. Entre outros temas, estas crônicas retratam aspectos cotidianos da vida dos habitantes dos subúrbios de Buenos Aires e dão voz aos marginalizados, excluídos e delinquentes: ladrões,

prostitutas, vagabundos e malandros são muitas vezes seus protagonistas e retratam o pessimismo e a falta de opções predominantes nos bairros de imigrantes pobres; algumas delas tratavam problemas específicos da cidade, como a série intitulada “Hospitales en la miseria” (publicada em janeiro e fevereiro de 1933) e “La ciudad se queja” (publicada em março e abril de 1934). Arlt escreveu também muitas das *Aguafuertes* em viagens ao exterior, dando origem às *Aguafuertes Uruguayas* (março 1930), às *Viñetas Santiagueñas* (agosto 1932), *Aguafuertes Patagónicas* (janeiro 1934), *Aguafuertes Españolas* (abril-setembro 1935, janeiro e junho 1936), *Aguafuertes Gallegas* (setembro-novembro 1935), *Aguafuertes Asturianas* (novembro 1935), *Aguafuertes Vascas* (novembro 1935 - janeiro 1936), *Aguafuertes madrileñas* (janeiro-abril 1936), *El infierno santiagueño* (dezembro 1937), *Cartas del Chile* e *Mujeres de Chile* (janeiro e março 1941). A temática das crônicas recebe um tratamento lingüístico apropriado e ousado através do uso do *lunfardo*, o socioleto popular de Buenos Aires. Através da incorporação de palavras e expressões fora da norma culta, até então consideradas de mau gosto nos textos literários, sobretudo na voz do narrador, Arlt incorpora à língua escrita aspectos da língua falada por amplas camadas da capital argentina.

Seus primeiros romances, *El juguete rabioso* (1926), *Los siete locos* (1929) e *Los lanzallamas* (1931), tipificam sua tendência rebelde e marginal, na contracorrente da primazia estética defendida por alguns escritores coetâneos, e provocam a “academia de fósseis”, como bradava o próprio Arlt em suas crônicas. Integrou-se, assim, de forma singular, aos círculos literários bonaerenses, participando da polêmica entre os chamados grupos de *Boedo* e *Florida*, de posições antagônicas. A polêmica entre estes dois grupos marcou a história literária argentina e caracterizou-se por divergências ideológicas e estéticas: o grupo de Boedo defendia uma literatura social engajada politicamente e o uso de uma linguagem mais próxima da língua falada, enquanto o grupo de Florida privilegiava uma linguagem mais culta. Pode-se dizer que Arlt aproximou-se mais do grupo de Boedo, tanto por suas relações de amizade quanto pelas características de sua literatura; alguns críticos o consideram o expoente do grupo de Boedo, em oposição a Borges, expoente do grupo de Florida; entretanto, também há críticos que afirmam que sua participação no grupo de Boedo foi apenas tangencial e que não estava comprometido com uma literatura militante.

Seu reconhecimento foi lento mas sólido, primeiro entre os escritores e em seguida no mundo universitário e, finalmente, no amplo circuito internacional, através de um crescente número de traduções.

A primeira tradução de Roberto Arlt foi para o italiano, em 1971, do romance *Los siete locos* (*I sette pazzi*. Milão: Bompiani), edição com prólogo de Juan Carlos Onetti, mas, infelizmente sem referência ao tradutor. O mesmo romance foi também traduzido ao inglês em 1984 (*The seven madmen*. Boston: D.R. Godine. Tradução de Naomi Lindstrom) e em 1998 (Londres: *Serpent's Tail*. Tradução de Nick Caistor), e ao francês em 1994 (*Les sept fous*. Paris: Belfond. Tradução de Isabelle e Antoine Berman. Apresentação de Jean-Marie Saint-Lu e prefácio de Julio Cortázar), além da mais recente tradução ao português lusitano (*Os sete loucos*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2003. Tradução de Rui Lagartinho e de Sofia Castro Rodrigues), sem mencionar as traduções publicadas no Brasil, que indicaremos a seguir.

Los siete locos configura-se, assim, como a obra mais traduzida de Roberto Arlt. Sua continuação, *Los lanzallamas*, foi também traduzida pela primeira vez ao italiano, em 1974 (*I lanciamfiamme*. Milão: Bompiani), em uma edição novamente sem referência ao tradutor; em 1991, foi traduzida ao francês (*Les lance-flammes*. Paris: Belfond). Nas décadas de 1980 e 1990 surgiram novas traduções ao francês e ao italiano do romance *El juguete rabioso*¹, do volume de contos *El jorobadito*² e *El criador de gorilas*³, do conto "Viaje terrible"⁴ e das peças de teatro *Saverio, el cruel* e *La isla desierta*⁵.

No Brasil, a primeira tradução foi a do romance *Los siete locos*, em 1982, por Janer Cristaldo (*Os sete loucos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves). Em 2000, Maria Paula G. Ribeiro publicou uma nova tradução do mesmo romance e de sua continuação, em um só volume (*Os sete loucos & Os lança-chamas*. São Paulo: Iluminuras). Também foram traduzidos *El jorobadito* (*As feras*. São Paulo: Iluminuras, 1996. Tradução de Sérgio Molina), *Viaje terrible* (*Viagem terrível*. São Paulo: Iluminuras, 1999. Tradução de Maria Paula G. Ribeiro) e foi publicada uma antologia de contos organizada e traduzida por Sergio Faraco *Armadilha mortal* (Porto Alegre, L&PM, 1997). Maria Paula G. Ribeiro é, sem dúvida, quem mais traduziu Roberto Arlt no Brasil, tendo realizado, ainda, as primeiras traduções das *Águas-fortes portenhas* em sua dissertação de mestrado, pela USP (São Paulo: FFLCH, 2001).

Se é verdade que Roberto Arlt não está entre os escritores argentinos mais conhecidos do público leitor brasileiro, como Jorge Luis Borges ou Julio Cortázar, o número de traduções disponíveis no mercado parece indicar uma intensificação da presença de sua obra. Salvo a tradução mais antiga de Janer Cristaldo, encontrável apenas em sebos, as traduções acima mencionadas são fáceis de localizar nas grandes livrarias do país. Cabe assinalar também que algumas edições das obras em seu idioma original estão igualmente disponíveis em algumas dessas livrarias.

A presença de Roberto Arlt na imprensa brasileira era relativamente escassa mas tem crescido sistematicamente nos últimos anos. Exemplos são o arguto artigo de Leandro Konder, publicado no *Jornal do Brasil*, em 2005, as matérias reunidas na edição especial da revista *Cult*, de 2000⁶ e os artigos e resenhas aparecidos em suplementos culturais como o *Prosa e Verso*, de *O Globo* e sites como o da *Agulha – revista de Cultura* (<http://www.revista.agulha.nom.br/>) e *Jornal de Poesia* (<http://www.jornaldepoesia.jor.br/>). O escritor aparece também em referências feitas por escritores e críticos literários argentinos reconhecidos no Brasil, como Ricardo Piglia e Luis Guzmán⁷.

Os leitores de Arlt no Brasil parecem se concentrar em dois setores: o dos jornalistas e o dos intelectuais interessados em literatura estrangeira não-massificada. Embora seu número seja restrito, sua influência cultural é significativa, já que pertencem aos chamados formadores de opinião. Sintomáticos de um e outro fenômeno, são as menções, sempre elogiosas, nos cadernos culturais e o crescente número de estudos acadêmicos — dissertações, teses e artigos — sobre o escritor ou que, ao menos, fazem menção a ele ao analisar a obra de Borges ou Cortázar ou, ainda, ao discutir temas como os espaços urbanos como cenários literários⁸. Em algumas das principais universidades públicas brasileiras, como a USP, a UFRJ e a UFMG, existem grupos de estudiosos da obra de Roberto Arlt. Foi na USP onde surgiram os primeiros trabalhos e é nessa universidade onde continuam se desenvolvendo os principais estudos sobre a literatura arltiana⁹.

Em artigo recente, intitulado “Literatura: a seleção argentina”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, de 13/11/05, o jornalista Antonio Gonçalves Filho escreve: “Professora de literatura da USP, Ana Cecília Olmos, que prepara a edição de Di Benedetto no Brasil, diz que ‘já foi superada a disputa entre Borges e Roberto Arlt’ que determinava o caminho de cada autor na Argentina”.

Dois anos antes, o mesmo jornal noticiava, em 22/08/03, a leitura dramática da peça *A Farra dos Polichinelos*, do argentino Roberto Arlt, dentro da programação da Mostra Sesc de Artes - Latinidades.

Tal como na produção universitária, os artigos de jornal freqüentemente citam Arlt ao lado de Borges, como partidários de estéticas antagônicas mas também como dois representantes típicos da melhor literatura argentina. Assim, o conhecido colunista literário José Castello (em *O Estado de S. Paulo*, de 12/08/00), ao comentar uma tradução do americano Howard Phillips Lovecraft, assinala: “Lovecraft despertou também a paixão de um leitor exigente como o argentino Jorge Luis Borges, que a ele dedicou um dos contos de *O Livro de Areia*.”

Outro grande escritor argentino, Roberto Arlt, sempre carregou as marcas de Lovecraft em seus contos”. Por sua vez, Emir Sader, resenhando uma biografia de Cortázar (em *O Estado de S. Paulo*, de 19/11/00), afirma: “Mario Goloboff, poeta e ficcionista argentino, com ensaios sobre Borges e sobre Robert Arlt”, o que é uma maneira de dizer que o autor se dedicou a dois autores de primeira grandeza, o que lhe confere legitimidade para tratar de Cortázar.

Se na Argentina é comum opor Arlt a Borges, no Brasil Arlt é visto também por alguns autores como um contramodelo do escritor mais “literário”. É o caso de Sérgio Sant’anna, que, segundo o relato de Cassiano Elek Machado e Luis Fernando Vianna, arremeteu contra aquele que se considera normalmente o maior escritor brasileiro e cuja estética tem mais de um ponto em comum com a de Borges: “Machado de Assis, veja só, foi criticado ontem na Festa Literária Internacional de Parati. A pontada no escritor nacional partiu de Sérgio Sant’anna, um dos principais contistas do Brasil. O palco foi o debate dele com outro dos principais autores de prosa curta do país, o também romancista Luiz Vilela. Não chegou a ser um ataque pesado. Sant’anna disse que estava cansado da ironia machadiana, que lhe soava repetitiva. Como contraponto, citou autores argentinos que lhe eram bem mais caros, o já morto Robert Arlt e os vivos Ricardo Piglia e César Aira” (*Folha de S. Paulo*, 10/07/04).

Cabe sublinhar que Arlt foi também referência constante na imprensa brasileira através do escritor argentino Juan José Saer que possuía, até sua morte, uma coluna no *Mais*, da *Folha de S. Paulo*, um dos suplementos mais influentes do país.

Concluindo, podemos dizer que Roberto Arlt, embora tenha entrado tardiamente, ocupa no cânone da literatura argentina traduzida no Brasil, uma posição superior à de outros autores mais lidos e mais considerados anteriormente, como Cortázar e Sábato. Nos dias de hoje ele tende a se ombrear nada menos que com Borges, um dos autores estrangeiros mais valorizados pelo sistema literário brasileiro. Seu destino se parece ao de um escritor carioca, também de reconhecimento tardio, Lima Barreto, que, obscurecido durante muito tempo por Machado de Assis, é tido agora como um dos maiores escritores do país.

Notas

1. *Le Jouet Enrangé*. Grenoble: P.U.G., 1985. Tradução de Isabelle e Antoine Berman. *Il giocattolo rabbioso*. Gênova: Le Mani, 1994. Tradução de Fiorenzo Toso; *Il giocattolo rabbioso*. Roma: Riuniti, 1997. Tradução de Angiolina Zucconi.

2. *Le belve*. Roma: Savelli, 1980. Tradução de Angiolina Zucconi.
3. *L'éleveur de gorilles*. Grenoble: Éditions cent pages, 1999. Tradução de François Carcelen e Georges Tyras.
4. *Un terrible voyage*. Paris: Belfond, 1990. Tradução de Lucien Mercier.
5. *Saverio le cruel/L'île déserte*. Paris: Christian Bourgois Editeur, 1991. Tradução de Isabelle Garma-Berman. Prefácio de Bruno Bayen.
6. Leandro Konder. "Terrorismo e socialismo: um profeta argentino". JB, *Idéias*, 16/jul/2005; Horacio González. "Roberto Arlt: físico e literatura". Em: *Cult*, ano III, nº 33, 2000, pp. 46-48. Tradução de Maria Paula Gurgel; Luis Gusmán. "O Deus vivo". Em: *Cult*, ano III, nº 33, 2000, pp. 52-55. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro; Maria Paula Gurgel Ribeiro. "Um cronista de Buenos Aires". Em: *Cult*, ano III, nº 33, 2000, pp. 58-59.
7. Notícia sobre livro de Ricardo Piglia. *Nome Falso. Homenagem a Roberto Arlt*. Em: *Correio Braziliense*: "Ricardo Piglia. Exímio manipulador da narrativa". Brasília, 17 de fevereiro de 2002. http://www2.correioweb.com.br/cw/2002-02-17/mat_32824.htm.
Menção em artigo sobre Ricardo Piglia. "Assaltantes e pirotécnicos. Ricardo Piglia conta a história real de um roubo em que os bandidos queimaram milhares de dólares". *Época*. Edição 12; 10/08/98. <http://epoca.globo.com/edic/19980810/cult4.htm>.
Entrevista a Luis Gusmán, publicada em *Zona Cultural Revista Contemporânea/UERJ*. www.baixadafacil.com.br/zonacultural/conteudo/entrevista_luisgusman.htm.
8. Luiz Ricardo Leitão. *Leonor e a modernidade: o urbano e o agrário na experiência periférica*. Dissertação/UERJ, 1992.
Richard M. Morse. Richard M. Morse. "As cidades 'periféricas' como arenas culturais: Rússia, Áustria, América latina". Em: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, pp. 205-225.
9. "A tragédia urbana em Nelson Rodrigues e Roberto Arlt", Colóquio de Ângela Maria Dias (Universidade Federal Fluminense), apresentado no 51º Congresso internacional de americanistas – *Repensando las Américas en los umbrales del siglo XXI* (Santiago, Chile, 14-18 julho 2003). Maria das Graças Fernandes Nogueira. *Literatura e marginalidade: o escritor como falsário*. Dissertação/UFGM, 2004. Maria Antonieta Pereira. *Museu-Máquina: Ricardo Piglia e seus precursores*. Dissertação/UFGM, 1997.
Amanda Leticia Oliveira Nascimento. *Perfis femininos nas "Aguafuertes Porteñas" e em letras de tango*. Dissertação/Universidade Federal do Rio de Janeiro.
María Zulma Moriondo Kulikowski. *Lo grotesco en el teatro de Roberto Arlt*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH, USP, 1991.
María Zulma Moriondo Kulikowski. *Seria cómico se não fosse trágico: o discurso grotesco de Roberto Arlt*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH, USP, 1997.
María Zulma Moriondo Kulikowski. "Roberto Arlt: a experiência radical da escritura". Em: *Revista USP*, nº 47 (set/out/nov), 2000, pp. 105-111. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro.
Maria Paula Gurgel Ribeiro. "Traduzir Roberto Arlt". Em: *Revista USP*, nº 47 (set/out/nov), 2000, pp. 112-115.
Maria Paula Gurgel Ribeiro. "Entrevista possível com Arlt". Em: *Revista USP*, nº 47 (set/out/nov), 2000, pp. 121-124.
Maria Paula Gurgel Ribeiro. "Rumo ao Brasil em primeira classe: Roberto Arlt no Rio de Janeiro". Em: *Revista USP*, nº 47 (set/out/nov), 2000, pp. 116-120.